

ECO POPULAR

FOLHA POLITICA E NOTICIOSA.

1.º ANNO

Publica-se às segundas e quintas-feiras

NUM 14

PREÇO:—Assignatura, (paga adiantada), trimestre—600 rs. Para fóra, pelo correio, trimestre 650 rs. Brazil pelos paquetes, anno (moeda forte) 55000 rs.—Anuncios, 30 rs. a linha; repetição, 20 rs.—Publicações no corpo do jornal, 10 rs. a linha.—Publicações litterarias, 2 exemplares.—Numero avulso, 40 rs.

SEGUNDA-FEIRA 7 DE ABRIL DE 1879

A redacção só se responsabilisa pelos escriptos não assignados. Escriptos enviados á redacção sejam ou não publicados não serão restituídos.—Toda a correspondencia dirigida ao administrador de jornal Francisco Pedro Felgueiras.

GUIMARAES, 6 DE ABRIL

Cynismo e Impenitencia

Eis as qualidades proeminentes do partido regenerador!

Eis as feições mais caracteristicas da situação!

Cynismo e impenitencia.

Um partido decente e serio, um partido grave e honrado, um partido com principios e com crencas, um partido filho de uma escola politica e guiado por uma bandeira sympathica, um partido, em fim, que fosse inspirado pelo patriotismo, e tivesse noções, ligeiras soquer, de dignidade e pundonor, não procederia como procede o partido que tem por chefe o atleta da penitenciaria.

O governo actual é a imagem do partido regenerador, é a sua mais genuina representação; concreta todo o seu cynismo, evidencia a sua repugnantissima impenitencia.

Clama-se que ha roubos nas obras da penitenciaria, e o partido regenerador, ameaçado no gozo dos seus illicitos usufructos, restaura o seu governo, que era o unico que poderia restaurar os escandalos da penitenciaria, e fazer desaparecer os processos em que se punham a nu crapulosas delapidações

do dinheiro do povo, premiar os ladrões, perseguir os seus descobridores, e perpetuar na posse do partido da immoralidade aquella mina inesgotavel de illicitas ganancias e illegaes proventos.

O governo, erguido nos escudos dos interessados em que não se devassassem os mysterios da penitenciaria, cumprin *lealmente* o seu dever, e as hostes da impudicia applaudiram-o freneticas, fizeram uma ruidosa ovação ao propheta da grey, quando elle estabeleceu a theoria, o preceito da ordem, o ponto dogmatico da igreja regeneradora restaurada: «*Ladrões não se encobrem de graça.*»

Mas era a imprensa regeneradora que punha estes principios repugnantes, que no parlamento não os aventavam ainda os patriarchas da tribu. Ridicularisara-se um ministro, na celebre questão do *personagem*, mas os collegas, *por decencia*, tinham-se rido da insensatez, por a não lançar á conta de cynismo e impenitencia a coartada do snr. Lourenço de Carvalho que, habituado a viver com cynicos e impenitentes, não podia deixar de se apresentar tal qual o haviam feito as lições da escola regeneradora, na convivencia com os padres mestres do conselho de ministros.

Mas o cynismo ministerial,

linha de fazer novas conquistas, e a impenitencia carecia de manifestações claras e definidas.

Os ministros tomaram a peito este empreendimento, e conseguem-o. Não ha ninguem como os regeneradores para estas empresas, em que a desvergonha é essencial e o impudor indispensavel.

O sr. Thomaz Ribeiro jogou as primeiras lançadas n'esta crusada santa, na inolvidavel questão da Zambezia. A desfatez com que s. exc.^a pretendeu demonstrar que o voto da junta consultiva do ultramar, exarado n'uma consulta manifestamente adversa ao procedimento do governo n'aquella leonina heroicidade regeneradora, era a melhor defeza do acto immoral, repugnante e anti-patriotico do gabinete, foi uma verdadeira lança metida na Africa do cynismo, uma proesa de impenitencia, que, se indignou e fez rir muita gente, deve ter apertado em fraterno amplexo o sr. ministro da marinha, e o seu muito alto e muito poderoso presidente do conselho.

Depois, o snr. ministro das obras publicas deixou para traz o collega da marinha, avantajando-se-lhe, e muito, na questão da certidão requerida por um cidadão da Figueira da syndicancia feita em tempos não regeneradores á direcção das

obras publicas de Coimbra. A certidão era a unica defeza de um homem de bem, chamado aos tribunaes por haver chamado ladrões aos ladrões. Não se dá! O sr. ministro do reino estabeleceu como principio, que aquellas certidões se deviam passar, sempre que não prejudicassem os interesses do estado ou a ordem publica. E o sr. Lourenço, declarando que a certidão pedida, não altera a ordem publica, nem prejudica o estado, declarou tambem que... não a passava, proque não queria. Bem mereceu do partido, n'esse momento, o snr. Lourenço, e depois de declarado benemerito da baldomeria, s. exc.^a deve ser inscripto, como santo, com festa maior, na folhinha regeneradora.

Bem mereceu tambem o sr. Serpa, accusado em ambas as camaras de ter feito centenas de nomeações illegaes pelo seu ministerio, sustentando a theoria de que o orçamento é a lei suprema, e levando a maioria da camara alta a regeitar a proposta de um *bill* de indemnidade, e com razão, porque o *bill* importa o facto de sanar um acto anormal, e a vida normal da situação é a illegalidade, o escandalo, a arbitrariedade—o cynismo e a impenitencia.

Mas faltava ainda uma manifestação bem definida da im-

penitencia com que o governo regenerador e as suas maiorias, parlamentares poem sempre em relevo o seu provocante e inexcusable cynismo!

Chegou esse momento solemne.

O local escolhido foi o *sanctuario da representação nacional*.

Celebrava o sr. presidente do concelho.

O sr. Fontes não estava decorado com a Annunciada, que o faz primo dos principes e dos grandes chancelleres; não tinha pendente o Tosão de Ouro, ganho na campanha dos pescadores do Algarve, e por obra e graça da indemnisação que deu aos que haviam attentado contra os interesses dos seus concidadãos; nem se quer a Torre e Espada que lhe foi lançada ao pescoço, no fim da campanha da pavorosa, por Manja dynnasta, vencido, vulgo o *Casacão*; mas occupada solememente a bancada dos ministros, tinha deante de si o corpo diplomatico, que ia fazer circular no mundo as suas palavras, e rodeavam-o os *seus* eleitos, os eleitos da prepotencia, da arbitrariedade, do liberticidio, os pseudo deputados da nação, aos quaes toda a gente chama, e com razão, os deputados do governo.

Foi pois com toda a solem-



DIARIO D'UMA MULHER

POR

OCTAVIO FEUILLET

TRADUÇÃO

PRIMEIRA PARTE

(Continuado do n.º 13)

Não sei descrever a profunda agonia, que o seu rosto apresentou: era um mixto de dôr, de humilhação e de colera. Com a mão direita segurava-se ao corrimão, enquanto que o seu braço esquerdo mutilado e a perna contrahida ficavam em suspensão, e sem apoio. Desci depressa alguns degrãos, apanhei a muleta, tornei a subir com ligeiresa, e colloquei-lha debai-

xo do braço. Fixou-me com os seus olhos de um azul sombrio, e disse-me, simplesmente, em voz baixa e grave;

—Obrigado!

Depois continuou o seu caminho, e eu o meu.

Este successo congraçou-me um pouco com elle. Fiquei-lhe muito grata por me poupar ás pragas soldadescas de que é prodigo; e apezar da antipathia involuntaria que me causam em geral os seres disformes, eu não o acho tão repellente como Cecilia m'o tinha pintado. E' maneta, e tem uma perna contrahida e como paralytica; mas o rosto é bello, e a leve cutilada que tem na testa não o desfigura. E' certo que tem uma apparencia agreste, e um ar desconfiado; o que é talvez devido ao desalinho dos seus cabellos a que nenhum cuidado presta e aos seus bigodes, que são muito compridos.

Entrava eu no parque, e Ce-

cilias viu-me da sua janella; tres minutos depois, estava ao meu lado, pisando a relva, e saltitando como um passarinho. Conteei-lhe o meu encontro com seu primo.

—Ah! meu Deus! como elle não praguejaria.

—Nada absolutamente.

—Tu espantas-me.—De facto, elle hoje está de bom humor; espera o seu amigo esta tarde.

—Qual amigo?

—O commandante d'Ebliz, sabes quem é?

—Não, não sei... quem é?

—Cuidava que te tinha dito... foi elle que salvou Rogério em Coulmiers... Eram intimos ha muito tempo, desde Saint-Cyr... Quando Rogerio foi derubado pelo tiro de obús, o senhor d'Ebliz levantou-o, como se fora uma criança e com elle nos braços atravessou debaixo de um fogo horrivel as tremendas cargas de cavallaria... que

intrepidez tão bella!—e desde então tem-o sempre achado perfeito e agradável... Até encontrou o meio de lhe tornar a vida aprasivel, aconselhando-o a escrever a historia d'esta calamitosa guerra... Occupo-se disto ambos... O senhor d'Ebliz vem vel-o muitas vezes... Traz-lhe todos os documentos que lhe podem ser uteis para o seu trabalho... elle mesmo é muito instruido, muito sabio... chefe d'estado maior aos trinta annos... é uma linda posição!

—Mas, diz-me, minha querida, não será este senhor um terceiro pretendente?

—O senhor d'Ebliz?! exclamou Cecilia. Ah! meu Deus! antes esposar o *Papão*!... Elle é severo... terrivel!... Comtudo, estimo-o muito pelo modo como trata a Rogerio... De resto, apenas nos vimos duas ou tres vezes... elle parece olhar-me como a uma creancinha, e eu a elle como um pae!

—Mas falletemos seriamente, Carlota, não te parece que é tempo de me decidir entre os senhores de Valnesse?

—Parece-me que nada te apressa.

—Oh! perdoa-me.

—A tua posição entre estes dois senhores nada tem desagradavel.

—De veras?... tu cres isso?... e o meu coração... o meu fragil coração, que fazes tu d'elle?

—Já te fallou?

—Não... mas está impaciente por fallar... deseja immenso fallar... dá-lhe a palavra!

Conheci que não aspirava outra cousa. Respondi-lhe com um gracejo, e entramos no castello, para onde já nos chamava o toque d'almoço.

(Continua)

ndade que o sr. Fontes pronunciou as seguintes palavras, que deveriam ser gravadas na base do monumento do Mamelão, se a ingratidão nacional não houvesse roubado já ao sr. presidente do concelho a fagueira esperança de se ostentar um dia, cinzelado em pedra, ou fundido em bronze, ao pé da sua immorredoura gloria do campo de manobras.

As palavras sentenciosas do sr. Fontes foram as seguintes:

«O parlamento não tem meios de fiscalisar a applicação dos dinheiros publicos.»

A sentença do grande homem, do heroe da penitenciaria e da Zambesia, veio a proposito de uma questão, de legalidade, que tambem o é de moralidade, posta na tella da discussão pelo honrado caudilho progressista, sr. conselheiro José Luciano de Castro.

O sr. José Luciano tinha apresentado ha muitos dias uma proposta, tendente a legalisar a verba de 184.000\$000 rs. sumida, sem auctorisação legal, na immensa voragem dos desperdícios do ministerio da guerra.

O sr. Fontes fugia á perigosa discussão, o sr. Luciano de Castro perguntava todos os dias *noticias de s. exc.^a*, por ultimo declarava que se o sr. presidente de ministros não fosse á camara, saberia achar meio de dispensar a sua presença para tratar a questão, e o sr. Fontes, para apresentar-se assistir á discussão da proposta oposicionista, da qual o intuito era claro e o fim manifesto.

O sr. Fontes houve por bem aceitar a proposta do sr. José Luciano, nos tons magestáticos e magníficos que se dá sempre o nosso Jupiter de Contrabando, que tem por olympo a penitenciaria ou a Zambesia, sem entender que lhe cumprisse dizer: «Muito obrigado» ao adversario leal, por que... como *censura não podia aceitar a proposta, por não marcar a lei o prazo em que os ministros devem pedir que lhes legalizem as despesas illegalmente feitas!*

Quem diria ao legislador que haveria n'esta terra ministros tão pouco pundonorosos, tão alheios aos preceitos da dignidade do governo e da propria, que não sacudissem a casaca logo ao entrar na camara, no começo da primeira sessão legislativa que se seguisse á necessidade, melhor ou peor fundamentada, de excederem as despesas votadas em côrtes!

O governo do nosso paiz desceu a esta ignominia. Não se dão contas, nem mesmo quando são instantemente pedidas; escondem-se as syndicanças escandalosas, e perseguem-se os que denunciam os ladrões e descobrem os roubos; tomase como pretexto a lei, para desculpar o esquivamento de pedir a legalisação das despesas feitas para contentar os insaciaveis compadres; e quando a opinião do paiz fustiga os ministros, elles, os cynicos, manifestam-se impenitentes, e di-

zem que—o parlamento não tem meios de fiscalisar a applicação dos dinheiros publicos.

Quando a degradação politica chega a este ponto, e se vive n'um paiz honrado e digno, não é difficil prever as consequencias de tão hedionda bacchanal.

BOLETIM PARLAMENTAR

Tem estado estes dias na berlinda na camara electiva o muito alto e olympico presidente do conselho, o sr. Fontes Pereira de Mello.

A irrequieta opposição, sem respeito nem veneração pelo aprumo esculptural e por as honrarias e grandezas que os colares d'Annunciada e do Tosão d'Ouro accrescentaram á altaneria do sr. presidente do concelho, tem levado a sua petulante ousadia até pedir contas d'alguns actos e a discutir varios projectos da iniciativa de s. exc.^a, o chancelier d'estes reinos de Portugal e dos Algarves etc.

O desmarcado orgulho e a immensa vaidade do infatigado heroe do... Mamelão não soffrem que os deputados oposicionistas critiquem e combatam os seus actos e a sua gerencia administrativa. O sr. Fontes, supremo antocrata d'estes reinos, não admite que a opposição aprecie a sua administração e lhe peça explicações em nome do paiz dos desatinos e esbanjamentos praticados por o seu governo.

Na sessão da camara dos srs. deputados, de 4 do corrente, discutindo-se um projecto de lei do sr. ministro da guerra, a opposição, dentro da esphera dos seus direitos e dos deveres que a sua elevada missão lhe impõe, analysou a deficientissima e caholica organização do nosso exercito, mostrando que as sommas que o paiz actualmente gasta na manutenção da força armada, se essa somma fosse bem applicada e houvesse uma organização racional, poderíamos ter um effectivo militar muito superior ao actual e que não ignorasse os preceitos da moderna sciencia da guerra.

Disse a opposição que o sr. Fontes se condecora com o titulo de *restaurador* do exercito portuguez, mas a verdade é gerir s. exc.^a durante oito annos a pasta da guerra e o exercito não éstar á altura da sua missão, porque a iniciativa do sr. Fontes tem-se limitado a decretar... scenas espectaculosas e reformas pueris.

O sr. Fontes, fustigado severamente pela opposição, perdeu a serenidade e a compostura proprias da alta posição que occupa, e, irado, rom-

peu em altos gritos, provocando desatinada e arrogantemente a opposição.

O *Progresso* aprecia este notavel incidente, que demonstra a decadencia a que os regeneradores fizeram chegar entre nós o systema parlamentar, da seguinte forma:

«Em seguida ao sr. Rodrigues de Freitas fallou o sr. ministro da guerra. O sr. Fontes começou por dizer que na vespera estava muito irado, mas que a ira lhe ficara no travesseiro, podendo discursar já em socego. Prometteu explicar bem o que era ser vigo militar obrigatorio; e sobre a applicação d'este principio em algumas nações e na visinha Hespanha, repetiu correctamente a lição, que no anno passado lhe dera o sr. José Luciano de Castro. Disse depois que como ministro da guerra queria o serviço militar obrigatorio; mas que como politico e chefe do governo tinha de attender a outros principios. Que a França só fizera a sua reconstituição militar depois de ter soffrido a grande lição de Sedan, como a Prussia só fizera depois das derrotas, que lhe infligiram os exercitos napoleonicos. D'esta argumentação deriva-se logicamente como posteriormente notou o sr. Pinheiro Chagas no seu excellentê discurso, que o sr. Fontes está á espera de que Portugal soffra nma d'essas derrotas para então tratar da organização racional e efficaz do exercito! Antes d'isso não ha oportunidade, embora um estadista, que a si proprio se condecora com o titulo de *restaurador* do exercito portuguez, esteja ha oito annos na gerencia da pasta da guerra, sem nada ter feito em bem do paiz!

O sr. Fontes disse muitas outras cousas de igual aleance e pouco sisuda critica. O incidente, porém, mais importante foi motivado por uma provocação inconvenientissima dirigida á opposição parlamentar. Disse o sr. Fontes que o accusavam de se ter servido do exercito em alguns circulos electoraes. A opposição corroborou, applaudindo. Então voltou ao sr. Fontes a ira, que tinha deixado no travesseiro, e para se mostrar grato á maioria, começou a gritar e barafustar, que a maioria representava ali a expressão da vontade do paiz; que elle se apoiava n'ella e que quem não quizesse acatar a legitimidade da maioria para sustentar o governo, fizesse a *revolução lá fóra*, e não a fizesse d'entro da camara.

Estas palavras produziram, como não podia deixar de ser, uma viva excitação. Um deputado progressista diz-se que a palavra *revolução* na boca do presidente de ministros era uma palavra perigosa, e que podia não floar perdida. O sr. Fontes gritava que tinha assistido em sua vida a muitas tempestades, e que tinha direito para dizer o que disse. A opposição protestava, e accusava o sr. Fontes por aquella provocação arrogante e criminosa, que equivalia a dizer que as reclamações da opinião publica só por uma revolução poderiam fazer-se valer. Em ultima analyse: o sr. Fontes só por uma revolução sabirádo poder, o que está em concordancia com algumas declarações feitas particularmente pelo sr. presidente de ministros.

Principiaremos por agradecer á *Religião e Patria* os sabios e prudentes conselhos, que frequentemente nos está offerecendo.

Ninguém decerto como o collega, e com mais acerto, se pôde entregar ao labor inglorio de nosso Mentor, sempre que a experiencia lhe advirta, que nos desviamos do cumprimento dos nossos deveres. E faremos aqui pausa... para admirar tão nobre dedicação!...

N'estes tempos de egoismo e indiferença, em que a maior parte trata de enterrar o pae conforme pôde, é realmente muito para agradecer o extremoso amor do nosso collega, que tanto a peito toma a nossa dignidade, chegando a derramar lagrimas de profunda dôr pelo falso supposto de que vamos no caminho da perdição, arrastando a nossa seriedade e com ella a elevada instituição da imprensa livre!

Oh! Deuses immortaes! Vós a quem foi dado o poder de prescrutar os mais reconditos arcanos do coração humano, vós que decididamente não estaeis filiados no partido progressista,—porque até se diz que Jupiter sympathisa mais com a *Religião e Patria*,—vinde, vinde em auxilio da nossa innocencia ser juizes n'este pleito!

Era em março de 1879,—tinha chegado a Braga um digno empregado do ministerio da fazenda encarregado de fiscalisar o imposto do sello, e n'esta missão derigio-se aos Bancos d'aquella cidade.

Os gerentes d'estas casas bancarias irritados pelo vexame, significaram com energia o seu descontentamento, e o Banco Commercial de Guimarães, usando do direito, que assiste a todos, representou immediatamente ao parlamento contra os varejos.

Publicamos n'este jornal essa representação precedendo-a d'algumas considerações, que julgamos a proposito.

Note-se, que n'essa mesma occasião deu tambem a *Religião e Patria* conhecimento aos seus leitores da referida representação e nada disse em desabono dos considerandos d'ella, nem das nossas reflexões.

Emquanto isto se passava, trez distinctos regeneradores, os snrs. Alves Passos, Jeronymo Pimentel, e Rodrigo de Menezes, levantavam a sua auctorisada voz no parlamento contra os ditos varejos, e pediam ao sr. ministro da fazenda que possesse còbro ao vexame.

Foi então, depois que o sr. Rodrigo de Menezes stigmatizou na camara electiva e mais o sr. Alves Passos e Jeronymo Pimentel, o facto do varejamento aos Bancos, que a *Religião e Patria* até então mu-

da e silenciosa, rompeu no seguinte alarido!

«A proposito d'esta fiscalisação, visita tem-se por ahi pretendido desvairar a opinião publica, carregando o quadro das mais negras côres, imaginando vexames e prepotencias, e afeiando a situação pelos cambiantes mais horrorosos que a palheta e o pinceis podem dar á tela.

Tinhamos muito que dizer a este respeito, e talvez ainda o digamos. No entanto, porem, vamos sempre aconselhando o nosso povo a que não preste ouvidos a estes horrificos pregadores, e que se acatele das insinuações com que elles pretendem desvairar-lhe o espirito.

A visita não tem nada de vexatoria, e, se alguma cousa o fosse, a responsabilidade d'isso não caberia só a este governo.»

Isto era significativo; e nós admirados de ver desprestigiado pelo orgão do seu partido n'esta cidade, o deputado que pugnava pelos interesses dos opprimidos, publicamos o que disse o deputado, e o que lhe responderam d'aqui os amigos.

Fizemos o confronto,—nada mais e nada menos.

Ora eis aqui, oh! Deuses, a questão em toda a sua pureza, e que o nosso candido collega pertende enredar.

Porque é, pois, que nos accusam de calumnia atroz e vil intriga?!

Seríamos nós que insinuamos á *Religião e Patria* que chamasse aos tres distinctos deputados horrificos pregadores?!

Já vê o nosso estimavel collega, que as intenções do *Ecco* foram purissimas, mas se as nossas palavras promovessem alguma desconfiança, hoje deve tudo estar esquecido desde que a *Religião e Patria* declarou que o sr. Rodrigo de Menezes se tem tornado digno do louvor e da justissima gratidão deste povo, que o escolheu para seu representante, como quem já d'antemão conhecia e apreciava as eminentes qualidades de dedicação patriótica, que ornava o caracter de sua exc.^a»

A penitencia foi dolorosa, mas se a contricção é sincera felicitamo-nos por ter contribuido para tão magnifico resultado.

Os mais humildes são os mais fortes, dizem os livros sagrados.

Expediente

Em consequencia da solemnidade que a igreja celebra na proxima quinta feira, 10 do actual mez não publicamos o nosso jornal n'este dia.

Approveitaremos este interregno para regularisar alguns trabalhos indispensaveis na typographia, a fim de distribuirmos o nosso jornal nos dias designados para a sua publicação.

Stabat Mater Dolorosa

Ha desenove seculos que em o cume do Calvario, no redor da Cruz, onde ainda permanecia pregado Jesus, se agruparam com amor as flores aban-dadas do Evangelho, das quaes Maria, a Flor d'amargura, a Estella purissi-ma da manhã, a Mãe dolorosa era o precioso vaso que ali as reunia.

A dôr de Maria era immensa, incomparavel, a sua lingua não podia articular senão suspiros angustiosos, lamentos de dôr, Maria era Mãe e Mãe do Martyr do Golgotha!

Ha desenove seculos que d'aquele grupo doloroso brotou a fecundante fonte do Christianismo e nasceu o perfume immortal e salvador que tem fortalecido com sua essencia o gran-de espirito da humanidade.

O culto que almas piedosas ren-dem á Co-redemptora do genero hu-mano afervora-se de anno para anno, a commemoração das dôres da Vir-gem immaculada, Mãe de Deus, no templo de S. Francisco, d'esta cida-de, na sexta feira passada, revesti-se de esplendor. O templo, adorna-do de bons damascos e em especial o arco-cruzeiro, por habil armador, re-gurgitava de concorrentes, entre estes senhoras e cavalheiros da mel-hor sociedade viaranense.

A orchestra da phylharmonica Vi-maranense, regida pelo distincto vio-linista, o sr. João Baptista Gonçalves Queiroz e as vozes pelo revd.º sr. padre Eugenio, executaram pela man-hã a *ouverture* do conde de S. Bonifacio, um *Tantum Ergo* pelo sr. Arroyo, uma missa do maestro Noronha, *Credo* de Mercadante, e *Sanctus* e *Agnus Dei* por Gaspar.

Diremos em primeiro logar e de passagem, que nos causou desagradavel impressão o ouvirmos composi-ções sacras de summidades musi-caes alternadas e a par d'outras pro-fanas de nullidades.

A *ouverture* foi executada com espirito. O *Tantum Ergo* foi extrahi-do pelo sr. Arroyo da opera *Machbet*. A missa do maestro Noronha, é uma pequena composição, facil e ligeira que não se recommenda pela menor originalidade, não era missa para esta festividade, ainda assim, relativamen-te fallando, a sua execução foi boa, sobressahindo em o solo do *Laudamus* Exm.ª Sr.ª D. Maria Amelia Lopes Pedroza de Mattos Chaves, que pa-tenteou os recursos da sua voz peque-nina de soprano, d'um timbre doce e predicados d'afinação e de escola. O *Credo*, composição d'uma summidade musical, Mercadante, que tem boas harmonias e melodias agrada-veis e suaves, cremos, perde muitis-simo com a instrumentação, que não nos pareceu a do auctor e por de mais aperfeiçoada, porem, a sua execução como a da missa foi boa ou talvez su-perior, para o que concorreu tambem a Exm.ª Sr.ª D. Emilia Augusta de Mattos Chaves.

De tarde a mesma orchestra ex-cutou uma phantasia da *Ione*, em se-guida e antes do sermão, a aria de su-prano, *Inflammatus* do esplendido *Stabat Mater* do maestro Rossini, que tambem cantou a esposa do sr. dr. Augusto Chaves.

Pregou o sermão o joven sacer-dote o revd. Abilio Augusto de Pas-sos.

Depois do sermão, executou a mesma orchestra parte de alguns ra-mos do *Stabat Mater* de Rossini, im-mortal composição, poema de musi-ca inspirada, de jorros d'harmonias, de melodias suaves, melancolicas im-pregnadas de tal perfume religioso que impressionam profundamente os espiritos, de coros que ora se enlaçam, logo se desatam, e depois se concer-tam em phrases harmonicas, é sur-prehendente de bellezas, porem, dif-

ficillima a sua execução, que, relati-vamente fallando, foi superior ao que esperavamos a execução d'aquellas partes. A execução dos coros, tanto de manhã como de tarde, foi relati-vamente boa.

Cremos, portanto, que as senhoras e cavalheiros que concorreram para esta festividade e em especial o sr. Antonio Peixoto de Mattos Chaves e sua exm.ª familia devem estar perfeita-mente satisfeitos, o que deveras es-timamos.

Na egreja da Insigne e Real Col-legiada verificou-se hontem, com a solemnidade dos annos anteriores, a benção dos Ramos. Igual festivida-de teve egualmento logar na egreja das freiras Capuchas.

Já regressaram a esta cidade da sua digressão a Coimbra os srs. vis-condes de Lindoso e o nosso amigo Domingos Leite de Castro e sua exm.ª esposa.

Já chegaram das aulas superiores alguns estudantes nossos conterraneos, que vem passar as ferias da Paschoa com suas familias.

Já tivemos a satisfação d'abraçar o nosso bom amigo Geraldo José Coelho Guimarães e o distincto academi-co José Coelho da Motta Prego.

A camará municipal d'este concelho, na ultima sessão, deliberou subsidiar o intelligente professor de instrução primaria, o sr. Antonio Luiz Guimarães, a fim d'estadar o methodo de leitura de João de Deus.

O sr. Antonio Luiz Guimarães, vae leccionar-se com o revd.º abba-de d'Arcozello.

Foi acertada a escolha que a ve-reação fez bem como a louvamos pela sensata e util deliberação que tomou, cuja iniciativa pertence ao sr. presidente.

Falleceu em Braga a excm.ª sr.ª D. Antonia de Amorim Soares de Azevedo, prima do sr. conselheiro Francisco de Campos Soares de Azevedo, presidente do centro progres-sista n'aquella cidade.

Ao sr. Francisco de Cam-pos enviamos os nossos peza-mes.

Na quinta-feira passada, succumbiu no Porto o respeitabilissimo e honrado cidadão, Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães.

Foi um dos entusiastas e denodados soldados que contribuíram para se implantar no paiz o systema constitu-cional, estando encarcerado na relação do Porto, por as ideias que evangelisava, desde 1828 até pouco antes a entrada do exercito libertador, em julho de 1832.

Em 1836 alistou-se na pleia-de illustre que asteava a ban-deira da revolução de setem-

bro, sendo um dos seus mais estrenos campeões e servi-ndo-a sempre com um desin-teresse e abnegação pouco communs.

Os acontecimentos políti-cos que se succederam no paiz, desde 1843 até 1847, encon-traram Faria Guimarães firme no seu posto de honra, pu-gnando e pellejando pela pu-reza do systema representa-tivo e por as franquias popu-lares.

Fracccionado o partido se-tembrista, em 1852, militou sempre no partido historico, que teve chefes illustres, como o duque de Loulé, Sá da Bandeira e José Passos. Or-ganisado, ultimamente, o parti-do progressista, foi eleito presidente do Centro Eleito-ral Progressista do Porto, sen-do respeitado e venerado por todos os membros do centro a que presidia.

Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães, foi por varias ve-zes eleito senador do municí-pio portuense, e representou, lambem, em côrtes e em va-rias legislaturas, a cidade invi-cta, prestando-lhe, nos honro-sos cargos para que ella o ele-gem, os mais relevantes ser-viços.

O Porto perdeu, no sr. Faria Guimarães, um dos seus mais prestantes cidadãos e o partido progressista, a que temos a honra de pertencer, um dos seus mais dedicados e be-nemeritos soldados.

O seu funeral foi immen-samente concorrido, tanto dos seus amigos politicos como particulares. Pessoas de todas as gerarchias e classes, escriptores distinctos, magis-trados, negociantes, artistas e industriaes, tudo lamentava a perda d'este benemerito ci-dadão e se uniram no preito de saudade que se rendia ao honrado patriota, que tão sin-ceramente pugnou pela cau-sa da patria e da liberdade.

Por absoluta falta d'espaco não podemos, com muito pesar nosso, responder hoje ao artigo que, sob a opigrapha—*O quartel de caçadores 7 em Guimarães*, publicou o nosso estimavel collega a *Gazeta do Norte*, no seu n.º 190, de 2 do corrente.

Ao collega, pedimos nos desculpe esta falta involuntaria, e contando d'ante-mão com a sua muito benevo-lencia, ousamos esperar que ella nos seja relevada. No proximo numero responderemos, pois, ao nosso presa-do collega.

ANNUNCIOS

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo tribunal commercial de primeira instancia, e car-torio do escrivão privativo do mesmo tribunal, abaixo assi-

gnado, se passaram editos de 30 dias a requerimento de Ma-noel José Teixeira, negociante de esta cidade, citando An-tonio José Pinto e seus filhos Luiz de Freitas Pinto, e Manuel de Freitas Pinto, residentes na Villa de Fafe, mas ora ausentes em parte incerta, para que compareçam na segunda audiencia d'este juizo, posterior ao prazo dos editos, que começará a contar-se da segunda publicação d'este an-nuncio, a fim de, conjunta-mente com outros, fallarem aos termos d'uma acção commercial por divida da quantia de 981\$774 reis, procedente de diversas fazendas que lhe comprou e ficou devendo a falle-cida Maria Roza de Freitas, moradora que foi na dita Vil-la de Fafe, mulher e mãe dos citandos, e a todos os seus termos e dependencias até final julgamento, sob pena de revelia, e de proseguir a mes-ma acção seus termos, com o curador que lhes for nomea-do. As audiencias d'este juizo commercial fazem-se no tri-bunal d'ellas, situado na rua das Lamellas d'esta cidade, nas segundas e quintas feiras de todas as semanas, não sen-do dias feriados ou sanctifica-dos, por que sendo-o, se fa-zem então nos immediatos dias, e sempre pelas 10 horas da manhã.

Guimarães 3 de abril de 1879.

Conforme.

T. de Queiroz,

O escrivão,

João Joaquim d'Oliveira Bastos (18)

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo tribunal commercial de primeira instancia da cam-marca de Guimarães e car-torio do escrivão privativo do mesmo tribunal, abaixo assi-gnado, se passaram editos de trinta dias, a requerimento de José Martins Poças, da fregue-zia de São Torquato d'esta comarca, citando Antonio José Pinto e seus filhos Luiz de Freitas Pinto e Manoel de Freitas Pinto, residentes na Villa de Fafe, mas ora ausentes em parte incerta, para que compareçam na segunda audiencia d'este juizo, poste-rior ao prazo dos editos, que começará a contar-se da se-gunda publicação d'este an-nuncio, afim de conjunctamen-te com outros fallarem aos ter-mos d'uma acção commercial por divida da quantia de reis 42\$240, procedente de diver-sas fazendas que lhe comprou e ficou devendo a fallecida Ma-ria Rosa de Freitas, morado-ra que foi na dita villa de Fa-fe, mulher e mãe dos citandos, e a todos os seus termos e dependencias até final julga-

mento, sob pena de revelia e de proseguir a mesma acção seus terminos com o curador que lhes for nomeado.

As audiencias d'este juizo commercial fazem-se no tri-bunal d'ellas, situado na rua das Lamellas, d'esta cidade, nas segundas e quintas-feiras de todas as semanas, não sen-do dias feriados ou sanctifica-dos, porque sendo-o, se fazem então nos immediatos dias e sempre pelas 10 horas da man-hã.

Guimarães 3 de abril de 1879.

Conforme.

T. de Queiroz,

O escrivão,

João Joaquim d'Oliveira Bastos (17)

Venda de propiedade

Vende-se a pro-priedade dos Remedios, sita na freguezia de Santo Estevam de Urgezes, que se compoem de campo com arvôres de vinho e fructas casas de cazeiros, e outra de cabana, e que tem andado arrendada por 3 carros e 15 alqueires, com uma sorte d'agoa. Para tratar com D. Anna Berrance, da casa das Trofas.

(16)

ATTENÇÃO

Na rua Nova do Com-mercio n.º 84 lecciona-se francez, escripturação e contabilidade com-mercial

(15)

Vende-se uma linda casa em forma de chalet e um cottage com casa de banho e jardins, tudo cercado de muros e situados acima da ponte velha nas Caldas de Visella.

Tambem se vende a mobilia das mesmas.

Para o seu ajuste falla-se com o senhor Wilby na rua do Brey-ner n.º 160.—Porto (13)

MAPPA DE MOÇAMBIQUE

Com a demarcção de terrenos cedidos ao sr. Paiva d'Andrada, acompanhado da des-cripção da provincia de Moçambique.

Preço 25 reis para as provincias—Vende-se na Calçada de S. Fran-cisco, 2 lithographia «Duende»

Brevemente se pu-blicarão os mappas de todas as provincias Ul-tramarinas do nosso pa-iz.

VINHO DO ALTO DOURO PREMIADO NAS EXPOSIÇÕES



CASA DE VILLA POUCA PREMIADO NAS EXPOSIÇÕES

José d'Oliveira, encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca, annuncia que tem á venda as seguintes qualidades de vinho engarrafado (fóra a garrafa)

Tnto de meza 150 rs.	Moscatel 500 rs.
Lagrima 200 rs.	Vinho de 1854 600 rs.
Tinto 190 rs.	Roncon 700 rs.
Tinto fino 210 rs.	Vinho de 1825 1:000 rs.
Vinho velho em prova secca 300 rs.	Reserva de 1838 por garrafa 2:250 rs.
Malvasila, 2. ^a qualidade 360 rs.	Bual de 1851 1:000 rs.
Vinho velho 400 rs.	Delicado de 1857 800 rs.
Alvaralhão, superior . . . 560 rs.	Especial de 1862. 600 rs.
Bastardo velho 500 rs.	Serveja ingleza 110 rs.
Malvasia 1. ^a qualidade . 500 rs.	« Nacional 50 rs.

A RETALHO

Vinho de mesa a 50, 60, 80, e 120 rs. o quartilho do tinto e 120 réis do branco. Este armazem tem depositos: em Fafe, em casa do snr. Miguel Antonio Monteiro de Campos; em Vizella, em casa do snr. João Teixeira Alves, nas Taipas, no hotel do sr. Villas; em Braga, em casa do snr. Bernardo José Fernandes Carneiro, rua do Souto n.º 9; em Vianna do Castello, em casa do snr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; no Porto, em casa do snr. F.G., Santa Cruz, rua de Santa Catharina; em Aveiro, em casa do snr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do snr. Victorino Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fazer n'este toda e qualquer experiencia chimica; mas se ainda depois d'isso alguém duvidar da sua pureza, podem apparecer no armazem, afim de assistirem á votação dos ditos vinhos.

SUBSCRIPÇÃO PERMANENTE

HISTORIA POPULAR DOS PAPAS

DESDE S. PEDRO ATÉ PIO IX

POR J. CHANTREL

Vertida da ultima edição franceza

POR A. J. DE CARVALHO

Obra approvada pelos principaes prelados francezes, e recommendada por toda a imprensa catholica de França, Portugal e Brazil.

Condições da assignatura

A distribuição faz-se por fasciuclos de 80 paginas aproximadamente, em 4.^o a duas columnas e em typo compacto. Preço de cada fasciuclo 250 rs. para os assignanteo «Progresso Catholico» 200 rs.

A obra no excederá 18 fasciuclos. Também se recebem assignaturas por volumes.—Preço de cada volume 1\$500, para os assignantes do «Progresso Catholico» 1\$200.

Quem angariar 6 assignaturas receberá uma gratis. O preço da edição franceza é de 6\$000 rs., emquanto que a nossa edição custará 3\$600.

Assigna-se e vende-se em casa do editor Teixeira de Freitas, rua de S. Damazo, em Guimarães.

Tomam assignaturas e recebem a sua importancia todos os srs. correspondentes do «Progresso Catholico».

LA MODA ELEGANTE

Publica-se em Madrid nos dias 6, 14, 22 e 30 de cada mez.

E' o mais completo de todos os jornaes de modas, por que publica durante o anno nas 1:200 columnas em que se divide 3:500 gravados no texto dando as mais recentes modas e toda a qualidade, de bordados proprios para trabalhos de senhoras e meninas, 48 figurinos a côr finas, 24 padrões, em tamanho natural com mais de 1:000 modelos de diversos trajas, e debuches para borda. Além de tudo o que deixamos mencionado offerece uma peça de musica para piano composto expressamente para suas assignantes.

Preços para qualquer terra de Portugal pelo correio :

- 1.^a Edição anno 7\$520 reis, 6 mezes 3\$800 reis, 3 mezes 1\$900 reis.
- 2.^a Edição anno 5\$640 reis, 6 mezes 2\$850 reis, 3 mezes 1\$450 reis.
- 3.^a Edição anno 3\$760 reis, 6 mezes 1\$900 reis, 3 mezes 1\$000 reis.
- 4.^a Edição anno 2\$820 reis, 6 mezes 1\$450 reis, 3 mezes 750 reis.

Recebem-se assignaturas na Livraria Internacional—S. Damaso, 30, 34—Guimarães.

As pessoas de fóra pódem mandar a sua assignatura e a importancia em valles do correio, a Teixeira de Freitas, que immediatamente serão dadas as ordens para Madrid.

TEIXEIRA DE FREITAS, EDITOR

Acaba de ser publicado o 2.^o e ultimo volume da importante obra

O MATRIMONIO

SUA LEI NATURAL E HISTORIA

SUA IMPORTANCIA SOCIAL

POR

D. Joaquim Sanchez de Toca

TRADUÇÃO

DO

Dacharel Luis Beltrão da Fonseca Pinto de Freitas

2.^o volume em 8.^o grande 1\$000 reis.

O MATRIMONIO é enviado franco, pelo correio, a quem mandar o seu importe (1\$000 rs.) em estampilhas ou vales do correio ao editor Teixeira de Freitas, rua de S. Damazo, Guimarães

TYPOGRAPHIA

9—Rua do Espirito Santo—11

N'esta officina fazem-se todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que está sortida com excellentes typos. Os preços são harmonisados com os de iguaes estabelecimentos, e a nitidez com que são feitas todas as obras póde julgar-se pelas que aqui tem sido feitas.

GUIMARÃES, Typ. de J. da S. C.